

Como citar este texto:

OLIVELLA, Manuel Zapata. Um Estranho Sob Minha Pele. Tradução: RAMOS, Marcos. In: América: Revista de Estudos das Diásporas Africanas, 1ª edição, janeiro de 2024. Disponível em: <<https://independent.academia.edu/revistaamerica>>.

Um estranho sob minha pele¹

Manuel Zapata Olivella²

Tradução: Marcos Ramos

– ALELUIA!

– Aleluia!

Os tambores eletrizavam o ritmo. Não havia um único osso dos fiéis, brancos e negros, que não dançassem ao som do jazz. Os dez dedos pulsavam freneticamente o piano. O saxofone exaltava a voz aguda do pregador acima do coral:

– In His hand!

In His Hand!

I'll have you know

I'm white as snow –

– Settin' in Jesus' hand!

¹ Conto publicado originalmente em ¿Quién dio el fusil a Oswald? (1967)

² Manuel Zapata Olivella (1920-2004) foi um destacado escritor, médico e antropólogo colombiano, notório por suas contribuições à literatura afro-colombiana. Nascido em Lórica, Córdoba, dedicou-se a explorar a rica herança cultural das comunidades afrodescendentes por meio de romances, contos e ensaios, abordando temas como identidade e racismo.

Elder abria as pálpebras, desejando que o branco dos olhos se derramasse e tingisse sua pele negra. As mãos para cima, como se apertasse Deus com o próprio punho. A voz rouca, rasgada:

– I'll have you know

I'm white as snow –

– Settin' in Jesus' hand!

O jazz parou de repente. Uma nota a mais e todos teriam explodido. Desmoronaram sem a música. Agora, em suas cadeiras, ofegavam, encharcados de suor. Só Elder ainda dançava, movido pelo eco do ritmo não dissipado em seu sangue. Suas mãos aplaudiam incessantemente, os olhos, alucinados.

– O irmão está em estado de graça!

Oito mãos o seguravam contra o assento. Precisavam de um exército para imobilizá-lo. As pernas tremiam. O pregador pediu à orquestra um *spiritual*. As vozes suavizaram.

– Lord above, let your light

Be my guide through the night

Hear, oh, hear me, Lord, as I pray!

A melodia começou a despertá-lo com o toque da última nota ainda perdida no diapasão. Elder se acalmava. Suas pupilas giraram até recuperar seu lugar. Ele descia das mãos de Jesus para enfrentar o mundo real de Atlanta. Uma irmã branca abanava seu rosto. Restabelecida a paz na igreja, o reverendo com sua túnica azul retomou o sermão:

– Deus não é branco nem negro porque não tem pele. Todos cabemos em seus braços. Isso é tudo o que pedimos!

Elder escutava. O cansaço da espera. Acreditava ter ouvido essa lengalenga há um século. Levantou-se e gritou:

– Estou cansado de ser negro!

Avançou. Suas pernas ágeis, as mesmas que já lhe garantiram vencer uma corrida, resistiam em conduzi-lo até a rua. "Estou bêbado". Não era fácil perder as ilusões aos vinte e cinco anos e continuar sendo o mesmo. O murmúrio da

desaprovação. As portas, ao se fecharem atrás dele, deixaram entrar o sopro frio da noite. Um golpe gelado que dissipou o calor da pregação:

– Oremos para que o irmão Elder não caia no desespero do demônio!

(O tempo não mudou. As lembranças me fazem o mesmo desde aquela noite em que minha mãe me jogou, feito uma coisa escorregadia. Eu me lembro desde muito antes de nascer. "Vida cruel", disse minha avó quando soube que sua filha Mattie estava grávida de um branco. Georgia. "Deus, detenha a sua obra!". A pequena Mattie, magrinha, havia sofrido muito em seus dezoito anos para dar um passo para trás. "Meu filho não sofrerá por ser negro o que eu sofri". Minha avó, de joelhos, clamava: "Senhor, você se enganou, busque uma mãe branca para este filho. Não manche minha casa". Nem uma lágrima nos olhos da minha mãe. Ela era orgulhosa como seu pai Arcie e também ousava falar com Deus de frente: "Agradeço-lhe por ter feito com que o velho carteiro Jim colocasse em mim suas mãos asquerosas". Minha avó a esbofeteou. O golpe foi tão bruto que me fez balançar contra o útero da minha mãe. Minha cabeça dói. Desde então, essa dor perfura meu cérebro. Naquela mesma noite, o avô Arcie encontrou sua filha na rua, espancada, com marcas roxas de dedos na garganta. O velho Jim era muito fraco e não teve força suficiente para estrangulá-la. Por isso estou vivo. Minha mãe errou em seus cálculos: nasci negro. Tão escuro que se tivesse um filho com uma loira, ele não seria sequer mulato. Eu não vou atravessar, nem com minha descendência, a linha de cor para o lado dos brancos. A neve cai. É a primeira neste outro inverno. A noite clareia. A rua, os postes de luz, tudo vai mudando de cor. Meu gorro, meus ombros, até meus sapatos. Se me deitasse aqui na rua, amanheceria branco da cabeça aos pés. Eu paro. O relógio da Estação marca meia-noite. Dou mais alguns passos. O aviso recém pregado dizia. "Negros são proibidos transitar após às seis da tarde". Tive tempo desde que saí da igreja para fugir. Tenho caminhado por estas ruas sem me afastar. Se eu pudesse ficar aqui para sempre. Eu desejei isso a minha vida toda. Desde o ventre de Mattie. Negro! Alguém me grita. O frio que sinto é

diferente do da noite de inverno. O medo da minha avó. "Esse cão procura um poste onde te pendurar". Os quatro brancos me cercam. A corda em suas mãos. Quero gritar, correr, defender-me. Um golpe. Minha cabeça bate contra o útero de Mattie).

Ele está deitado no chão. A cabeça é um ponto doloroso que turva sua consciência. As mãos e os pés amputados. Algo pior do que o decepamento: a imobilidade. Longe, muito longe, lobos uivam e articulam palavras incompreensíveis. O cheiro do banheiro. Uma gota de água cai insistentemente sobre sua pálpebra. Uma pedra lhe atira repetidamente o velho carteiro Jim, seu pai. Abre os olhos. As formas começam a ganhar definição sob a luz que se infiltra pela estreita fresta na parte inferior da porta. Ele está no banheiro da Estação. Ele entende com muita clareza as palavras:

– Vamos enforcar esse negro de madrugada na frente da igreja.

O som do gelo quebrando nos copos de uísque.

– *Full* de ases!

Maldições. Um soco e as cartas flutuam novamente na mesa. Elder só pensa na corda. Seu avô Arcie foi enforcado. Ele saiu para procurar medicamento. O coração de sua esposa estava falhando. Ele não encontrou o remédio na farmácia negra do bairro. Foi em frente. Naquela hora da noite, a farmácia do Sr. Johnson estaria aberta na cidade branca. "Não vá, Arcie", disse ele a si mesmo. Outra voz o empurrou: "Sua esposa está morrendo". No dia seguinte, ele estava pendurado em uma corda.

– Maria Antonieta ficou grisalha na noite em que esperava ser guilhotinada.

– Isso não poderia acontecer com um negro.

A guilhotina era melhor que um laço no pescoço. Elder viu o avô enforcado. Ele era muito pequeno, mas não se esqueceu: a língua partida entre os dentes, as bolsas dos olhos cheias de sangue. Um pé descalço imensamente inchado e o outro, apertado pelo sapato, deformado como uma salsicha.

– É hora de acabarmos com esse negro.

– Ninguém mais se atreverá a andar pelas nossas ruas à noite.

As mesmas vozes que ele ouviu quando foi espancado. Ele tem medo de respirar profundo; ele sente que um nó na garganta não o deixa engolir ar e que seu o corpo se equilibra no vazio.

– Conheci um inglês que também ficou grisalho em apenas trinta segundos. Foi em Bombaim. Eu estava comendo com um amigo na mesa de um restaurante quando Ele lhe disse: “Fique quieto, uma cobra está subindo atrás de você. Se você se mover, ela vai te picar na nuca e você nem terá tempo de gritar.” Ele ficou rígido, sem piscar. O amigo sacou a arma e destruiu a cabeça da cobra com um tiro. Exatamente trinta segundos se passaram e nesse tempo o inglês tornou-se albino.

Minhas mãos e tornozelos estavam dormentes por causa das restrições. A morte veio de baixo. “Vamos pendurá-lo de madrugada em frente à igreja.” Ele não conseguia olhar para o relógio de pulso. “Exatamente trinta segundos.” Quanto tempo lhe restava de vida?

– Dê-me uma carta, Jack.

– Eu passo.

O barulho das cadeiras. Era melhor estar morto do que alguns segundos da força. A luz na fenda. O sol ou a lâmpada da estação? A dor de cabeça. Certamente antes ele não tinha lembranças de ter caído contra o útero de Mattie. Absurdo! Teria sido melhor se a avó dele tivesse o estrangulado ao nascer! “Escória de mulato.”

– Vamos desligar. Não devemos permitir que pastores negros venham pregar às nossas igrejas contra nós.

O cheiro de uísque não era tão forte quanto o fedor do banheiro. Ele foi enganado. Ele sentiu o cheiro de sua própria carniça. Exposto ao sol, os corvos comiam sua pele, seu esqueleto permaneceria branco. É aí que reside a diferença de cor.

– O que eles querem é dormir com nossas mulheres, roubar nosso trabalho, nos expulsar de nossas casas.

– A força é o seu devido lugar. Querem nos dominar.

– Já é hora!

A mesa deslizou. As cadeiras rangeram contra a parede e as sombras se movimentaram por baixo da porta. Subitamente, a claridade ofuscante; os

brancos contra a luz pareciam enormes orangotangos negros. O feixe da lâmpada elétrica destacou o rosto de Elder. Sua boca aberta empurrava a língua para fora, e eles recuaram. Seu espanto teria sido menor se o tivessem encontrado realmente morto.

– Você está vendo, Jack?

– Ele é um de nós!

– Vamos tirá-lo daqui rapidamente se não quisermos queimar na cadeira elétrica!

– Devíamos estar muito bêbados para confundi-lo com um negro!

Na madrugada nebulosa; a neve começava a se compactar. A luz mal se insinuava ao redor das lâmpadas elétricas e eles passaram ao lado do poste da igreja sem se lembrar da corda. No parque, os bancos haviam desaparecido sob a geada e o peso do gelo inclinava os galhos das árvores. Eles o desataram.

– Vamos deixar aqui!

– Dirão que ele morreu de frio.

A neve continuou a cair na testa de Elder, cobrindo-a com uma brancura penetrante.

(A luz sobre as minhas pálpebras, um dedo quente que me toca, dissolve o frio dos olhos e à medida que se espalha sobre o meu corpo, recupero o rosto, os dedos, as mãos. Eles me sacodem. Oscilo no ar. Temo que minha nuca se quebre. O nó. A consciência da morte de repente me assusta. “Senhor”, é o a voz de um homem branco. Aperto meus olhos. Abri-los em outro mundo me estremece. Deixei de ser “negro”. Que vida é essa para onde a morte me transportou? Aqui onde eles chamam “Senhor” um homem negro.

“Estou branco como a neve – sentado nas mãos de Jesus!”

Luvas de lã esfregam minhas mãos. "Beba, 'senhor', beba!" Ele derrama uísque em meus lábios. Entreabro as pálpebras e a luz me cega. “Deus Todo-Poderoso,

ressuscitei.” Eles são rostos brancos. Estou assustado. Uma mulher de óculos. O rosto seboso de um policial. Três crianças com sardas. A garota que sorri e me esfrega as mãos suavemente. "Beba, 'senhor'!" Ainda acho que é um sonho. Olho por trás de seus ombros. Eles não têm asas. "Senhor!". "Senhor!", grito, e Ele não me responde. “Coloque esses sapatos do meu marido antes que seus pés congelem novamente!” As pupilas verdes dançam graciosamente atrás dos óculos. Eu tento tirar minhas luvas de lã. “Fique com elas.” Consigo me livrar das suas mãos. O policial insiste em me acompanhar, mas velhas barreiras invisíveis me separam deles. Eu vou embora com sapatos que não são meus. Minhas próprias mãos dentro das luvas vermelhas parecem estranhas. Sua dona levanta a mão para se despedir. Fico ali ao lado do banco, enquanto as crianças acompanham meus passos até que, longe de mim, eles brincam na neve. "Boa sorte, senhor!")

O policial o deixa sozinho, convencido de que ele não vai cair de novo, e calça as luvas de couro. Elder continua sem entender nada. De repente, os brancos tornaram-se míopes. Eles não veem a cor de sua pele, esquecem que são brancos. Em sua própria cidade, eles o cumprimentam e sorriem, passam por ele sem empurrá-lo ou evitar seus corpos. Eles não o insultam nem o expulsam da calçada. Ele se mistura entre eles ao cruzar os cantos e, se o tocam, dizem educadamente: "Desculpe-me, senhor!". Eles tiram o chapéu para saudá-lo e continuam. Elder pensa nos outros, naqueles caras que tentaram enforcá-lo. Ele só sabe que um deles se chama Jack. Ele teme ser seguido. Ele entende que eles querem encontrar um motivo para enforcá-lo no poste em frente à igreja. Ele foge. Ele já vê as casinhas sujas no bairro dos negros. Ele as sente acolhedoras e, mesmo sem chegar perto, compartilha o calor delas. Ele vê os seus andando lentamente. Eles estão em seu lugar. Ele olha para trás uma última vez para se certificar de que não está sendo perseguido. Ele cruza a rua e, ao deixar o pavimento de paralelepípedos dos brancos, descobre que a terra de seu bairro é macia. Ele para e respira fundo. Mas não consegue se expressar porque o ódio cresce dentro de si. Sem tirar as luvas, ele enfia as mãos nos bolsos e algumas moedas lhe devolvem o fôlego. Ele entra no bar: o cheiro, o ar, a fumaça, a atmosfera feita para seus pulmões negros. Os dele estão jogando sinuca, bebendo em pé no bar. Nas mesas, eles jogam cartas e dados, mas lhe devolvem olhares com rancor. Ele pensa que conhece esse ressentimento. Ele olha em volta, não quer admitir que esses olhares ameaçadores sejam dirigidos a ele. Ele franze os ombros em um gesto de

desprezo. Após escapar da morte, a animosidade deles para ele parece sem sentido. Basta para ele se sentir vivo e poder se aproximar do bar.

– Dê-me uma bebida.

O barman esconde as mãos na caixa registradora e segura uma pistola. Bufo:

– Não procure briga, vou chamar a polícia.

– Dois homens se aproximam dele e o empurram com os cotovelos. O mais alto grita:

– Está fedendo aqui hoje!

Ele se afasta, mas suas costas esbarram em um corpo pequeno. O homenzinho corta uma maçã com um canivete e, olhando fixamente para ele, engole os pedaços sem mastigar. Aqueles que estão jogando sinuca esquecem suas jogadas, segurando firmemente seus tacos. Elder reclama com uma voz chorosa que não é a dele:

– Irmão, quero uma bebida!

O barman limpa o balcão com um pano e o obriga a levantar os cotovelos. Ele fala como se estivesse se dirigindo a alguém atrás dele. Agora, meia dúzia de negros o cercam com os punhos fechados. O homenzinho da maçã crava seu canivete no balcão e cospe um cuspe que passa a um milímetro do seu nariz. Após a noite passada, ele se sente muito fraco para enfrentá-los. Guarda a moeda no bolso e recua. Eles não esperam que ele os toque e, com desgosto, abrem caminho para ele passar. Antes de chegar à porta, uma força compulsiva o levanta pela gola do casaco, o faz voar pelo ar e cair estatelado na rua. Ele mal consegue compreender. Um sapato foi lançado de um pé e ele pode ver seus dedos espiando através da meia rasgada. Ele os flexiona e, estranhamente, eles obedecem à sua vontade. Esfrega os olhos, mas lá estão os dedos brancos persistindo. Com pressa, ele tira a luva vermelha e, ao ver o dorso da mão, pula e cai novamente sentado no chão.

– Senhor! Senhor! Fiquei branco!

As gargalhadas zombam dele. Corre, não sabe se deles ou de si mesmo. Olha para a outra mão ainda enluvada e teme descobri-la. Suspeita que tenha a cor da dona das luvas vermelhas. Continua. Uma mistura de terror e uma alegria difusa o assolam. Ele vira a esquina e os negros se afastam dele. É sempre engraçado ver um homem andando com uma meia no pé e o sapato na mão. Em um canto isolado, senta-se para colocar o sapato, para esconder seus

dedos brancos. Coloca as mãos nos bolsos, temendo que seja um sonho. Diante de uma vitrine, ele mostra o rosto e outro é refletido no espelho. As sobrancelhas e os cabelos são loiros. Ele ficou grisalho. "Exatamente trinta segundos se passaram e nesse tempo o inglês tornou-se albino". Mais do que os cabelos descoloridos, é a brancura de sua pele que o anima.

– Oh Senhor, você fez um milagre!

Agora, com fé, ele descobre a outra mão e, sob a luva vermelha, surge o dorso despigmentado. Ele não tenta verificar se está sonhando. Melhor seria nunca acordar. A linha de cor desapareceu para ele.

("Mattie! Mattie! Seu filho está do outro lado!". Eu me sinto feliz. Posso entrar em um restaurante e pedir uma mesa como qualquer branco. O garçom me serve com cortesia. Se ele soubesse que sou um negro! Eu sei o que aconteceria. Tantas vezes me rejeitaram. Porque não deixo de ser Elder mandando ao diabo essas reflexões. Devo me esquecer do passado que repudio. Sim, entro nos teatros e posso permanecer alegre no meio dos vizinhos loiros. A escuridão me inquieta porque não posso perceber as novas experiências. Uma e outra vez subo nos ônibus e me abstenho de ir ao meu antigo lugar, atrás da placa: "Para pessoas de cor". Agora esses sinais nos banheiros não me dizem nada. Posso impunemente entrar em suas cabines. Agora eu sou um deles. Não há diferença entre nós. Pertencço ao mundo dos escolhidos. Compartilho suas piscinas. Entro nos museus. Eu caminho pelas ruas com suas mulheres. Ando a qualquer hora da noite pelas grandes avenidas sem o medo de ser enforcado como meu avô Arcie. Danço nos salões com as brancas. Mas é impossível reprimir o medo, de que meu cheiro os revele o negro que existia em mim. Certos medos me assaltam. Será que conseguirei me adaptar à vida de negro se minha pele escurecer novamente? Meu nome é Ham Leroy. Um pouco afrancesado para encobrir qualquer ondulação em meus cabelos loiros. Tenho certeza de que não me reconheceriam em Atlanta, onde parei de ir desde que sou porteiro de um hospital de brancos, aqui no Missouri. Às vezes penso o que terá acontecido com a avó. Depois da morte de Mattie, ela começou a ter um pouco de carinho

por mim. Para ela eu sempre fui um mulato, embora escondesse sob minha pele negra o sangue bastardo do velho carteiro Jim. Apenas meus cabelos tinham algo dele. Mattie, enquanto viva, teve bom cuidado para esticá-los. Agora devo parecer um pouco com o nojento Jim. O suficiente para que eu mesmo não me reconheça. Ham Leroy. Você faz bem em se esquecer do sofrido Elder, embora sua avó, lá em Atlanta, diga que seu neto deve ter morrido da mesma forma que seu inesquecível Arcie).

Algo que desconhecia o perturbava. Desde a infância, seus reflexos de defesa se aguçaram. Sabia distinguir os passos dos brancos, seu cheiro, suas sombras. Esse era o caminho que deveria seguir. As palavras intencionais de Mattie empurrando-o para a degradação de sua própria personalidade. A outra opção era ser um negro resignado, submerso em súplicas ao céu. Quando o levavam para rezar na igreja, queria ter duas vozes. Uma com a avó, que pedia a Jeová que libertasse o povo oprimido de Israel, sua própria raça disfarçada. A outra com a mãe, que pedia que as portas falsas se abrissem para entrar no mundo dos brancos. Nem sempre era fácil rezar com dois pensamentos. Às vezes, ele se apoiava na mão de Mattie que não rezava. Exigia, repreendia, opunha seu protesto a um Deus cego. Outras vezes, fracamente, inclinava-se àquele canto doce da avó que aceitava os sofrimentos como um presente do Senhor. Não sabia por que ansiava ter Mattie ao seu lado. Ela teria compreendido. "Você venceu, filho". Sem ela, lhe faltavam forças. Cansava-se de brincar com a máscara branca. A constante angústia de ser descoberto. Tinha que modular sua voz, imitar o ritmo deles ao andar. Entrar em outra pele, respirar e sentir como ela. Um suicídio lento. Quando Ham tinha quase matado Elder, seu crime se tornava desanimador. Leroy era um homem sem ambições próprias. Sua única obsessão: resistir. Melhor estar pendurado como o avô Arcie. Ele tinha desejo de viver, de salvar sua esposa e bem valia a corda. Ham Leroy desfrutava de confortos cujo usufruto não aproveitava. Lá, sob sua pele, estava Elder. Um tomava Coca-Cola na companhia dos brancos, mas o outro a vomitava. Ham entrava no cinema e Elder fechava os olhos. De repente teve a certeza de que estava só, até mesmo o espírito de Mattie o abandonava. Recusava ter amigos. A cabeça inclinada se alguém olhasse em seus olhos. Tinha perdido o riso. Seus lábios, sempre abertos mesmo que fosse para gritar, agora se encolhiam, temerosos da gargalhada negra. Mas naquela noite Elder se recusava a ficar sozinho em seu caixão, no saco de pele. Ouviu seu protesto. Queria voltar, mesmo que fosse com o disfarce de Ham Leroy, ao seu antigo bairro. Foi Elder quem o impulsionou até a janela da Estação. Pegou o trem e sentou-se ao lado de Haniger. Ele também estava indo para Atlanta.

Temia que o reconhecesse. Tinha trabalhado em sua fazenda acompanhando o avô Arcie e preferiu ficar calado para que o ouvido daquele, acostumado a mandar nos negros, não descobrisse sua voz submissa. Recusou o cigarro que lhe ofereceu. Quando Haniger se retirou para o corredor dos fumantes, Elder se aliviou. Deixou seu lugar. Preferiu ir à janela do corredor para assistir à passagem do trem pelas cidades adormecidas. Quando atravessavam o túnel, via sua pele novamente negra. Elder ressuscitava. As luzes revelavam Ham e então Elder morria novamente. Atlanta. Meia-noite. Desceu na Estação e quis abandoná-la, mas alguém, talvez Ham, desviou seus passos para levá-lo ao banheiro. Pareceu-lhe ver Elder deitado no chão, amarrado pelas mãos e pés. Retirou-se precipitadamente e, antes de sair para a rua, conseguiu ouvir a voz de Jack. Pôde escurecer de ódio. Devia a vida de Ham a ele, a este Leroy que o negava. Teve vontade de se aproximar e pedir-lhe fogo. Ele nunca daria isso a um negro. Mas ele fez. No entanto, foi Jack quem mudou de cor. Ele ofereceu o fósforo e se refugiou no escritório. Ele teria reconhecido o Elder?

(Tenho um certo prazer em percorrer o mesmo lugar daquela noite. A porta da igreja. "– I'll have you know , – I'm white as snow, – Settin'in Jesus'hand". Ainda pendura a placa: "Proibido aos negros andar após as seis da tarde". Eu sorrio. É Ham quem tem humor para isso. Elder enfurece e quer destruí-lo. Por um instante quero deixá-lo agir, e então ele se levanta sobre meus pés e o destrói. Ham ressentido. "Se não existe linha de cor, para que ser branco?". Elder o escuta e cala. Prefere me empurrar em silêncio. Compreendo que cada passo que dou é uma vitória dele. De minha avó sobre Mattie. O velho Jim nunca reconheceria Ham como seu filho. Elder ao menos sabe que sua avó lhe abrirá as portas e chorará com ele sua desgraça, a de ter mudado de pele. Irá com ela à igreja e clamará a Jeová para que lhe devolva sua cor. Que o faça negro, mesmo sendo realmente mestiço. Agora cruzo o parque. Aqui está o banco onde aquela moça sorridente esfregou minhas mãos com suas luvas vermelhas. Acho que vejo os rostinhos assustados das crianças sardentas. Os óculos que se interpõem aos olhos verdes. "Coloque estes sapatos do meu marido antes que seus pés congelem". Sinto que o policial me aperta o braço para me ajudar a andar. "Boa sorte, senhor". Agora já estou muito longe do parque. Pressinto à distância odores conhecidos. Um blues. A terra oscila. "– I want somebody to come to, –

I'm sure will be at home". Os pulmões deixam o ar chegar até o fundo. Nunca antes senti este bem-estar quando caminhava lá entre eles. Ham se impacienta. Tem a impressão de que estou disposto a traí-lo. No interior da cantina cantam e bebem. Quero entrar mas Ham me retém. Elder grita: "Vamos! Tome um gole!". Lembro-me do barman: "Aí tem uma porta por onde os porcos devem sair". O garotinho da navalha. A cusparada no rosto. Agrada-me sentir que Elder não se resigna a terem pintado seu rosto de branco. O avô Arcie foi enforcado, mas não morto. Ele entrou, mesmo que Ham fique comigo aqui na porta. Sinto-o rir, conversar alegremente com todos. A alegria de conquistar seu lugar de negro. Ham franze a testa. Seu pretendido orgulho murcha apenas ao se afundar na escuridão. Quer se afastar, voltar outra vez ao seu mundo. Sente que Elder, enfim, se enraizou e que não poderá arrancá-lo dos seus. Rejeito a atitude temerosa de Ham e entro na cantina. "Ei, Elder, onde você esteve todo esse tempo?". Ham teme responder. "Sua avó morreu. Fizemos um bom funeral para ela". Elder não quer acreditar. Voltou contando com a ajuda dela. Agora deve lutar sozinho por seu lugar de negro. Ao me olhar no espelho vejo meus cabelos escuros, meu rosto encardido. Ham morreu. Sinto a alegria transbordante de ver Elder sentado à mesa, agitando os dados entre os amigos. Não quero incomodá-lo e digo que vou comprar um ramo de flores para a avó).